

## A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO MULTIDISCIPLINAR NUM TEMPO DE GRANDES MUDANÇAS AMBIENTAIS E SOCIAIS

*Marcos A. Pedlowski\**

### ◆ PERFIL DA REVISTA FOZ

A existência de um número impressionante de publicações científicas, na forma impressa ou virtual, torna um desafio o lançamento de qualquer novo veículo nos dias de hoje. Além disso, a existência de uma realidade que cada vez mais exige análises que transcendam a análise compartimentada e específica de uma determinada disciplina reforça a necessidade de que novas revistas científicas nasçam sob a égide do que se convém chamar de multidisciplinaridade.

Esse tipo de constatação pode parecer apenas uma declaração genérica que procura facilitar a criação de publicações que possibilitem a difusão de formas fluídas e pouco rigorosas de investigação científica, que por sua natureza se tornam pouco úteis para o avanço do tipo de conhecimento que estamos necessitados neste momento de grandes alterações no funcionamento dos sistemas naturais da Terra. E é importante lembrar que tais alterações estão sendo relacionadas às atividades urbano-industriais engendradas pelo sistema capitalista a partir da chamada I Revolução Industrial.

Um dos principais desafios que temos que resolver no avanço de estudos multidisciplinares (ou ainda interdisciplinares ou transdisciplinares) é a superação da separação disciplinar que ocorreu com o aparecimento da chamada “Universidade Moderna” em meados do Século XIX na Alemanha. Esse modelo de separação estrita em que o conhecimento se tornou fragmentado e compartimentado em disciplinas com características singulares, e que foi bastante efetivo até o final do Século XX, agora parece insuficiente para dar conta dos problemas contemporâneos onde as interações

---

\* Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense.

entre Sociedade e Natureza não podem ser mais negligenciadas. Entretanto, todos os esforços realizados até o momento para que se formulem novas formas de conhecimento, os quais possam ser rotulados de multidisciplinares, interdisciplinares ou ainda de transdisciplinares, esbarram na falta de um ferramental teórico-metodológico que equacione de forma apropriada a integração das dimensões físicas e humanas, e das formas particulares com que são tratadas pelas diferentes disciplinas.

De diferentes formas desenvolvi uma trajetória acadêmica que tentou desde o período da Iniciação Científica, passando pelos anos da pós-graduação, e desembocando em quase duas décadas de atuação numa universidade pública com viés regional que é a Universidade Estadual do Norte Fluminense, responder ao desafio de produzir uma ciência que buscasse essa necessária integração disciplinar. Após todo esse tempo, entre erros e acertos, penso que contribuí para formar pesquisadores e educadores que passaram a se envolver diretamente, seja como docentes em instituições de ensino superior ou como em outras áreas de atuação, nesse esforço de produzir formas de conhecimento que consigam transpor os limites dos compartimentos disciplinares existentes.

Essa minha contribuição foi facilitada por alguns acidentes ao longo do meu percurso de formação, mas que se provaram serem essenciais para que eu procurasse realizar pesquisas que ultrapassassem a tradicional dicotomia físico-humano que vivenciei no âmbito da Geografia. Como uma análise rápida do meu currículo acadêmico irá mostrar como estudante de graduação e Mestrado trafeguei pelos caminhos da Geografia Física ao examinar os impactos das entradas atmosféricas no aporte de nutrientes e contaminantes em ecossistemas florestais e aquáticos. Essa trajetória foi abruptamente alterada após a oportunidade de realizar um estágio de pesquisa no Laboratório Nacional de Oak Ridge, a partir do qual comecei a contribuir para o entendimento da influência dos processos de tomada de decisão sobre o uso da terra sobre as mudanças na cobertura florestal na Amazônia brasileira. E ainda no doutorado no papel que as agências multilaterais de desenvolvimento (por ex: o Banco Mundial) cumprem no estabelecimento de instituições que irão ditar o ritmo e a forma de ocupação das últimas fronteiras humanas para sua eventual incorporação ao sistema capitalista de produção.

Creio que não é preciso dizer que essa transposição de enfoques não é muito simples mesmo no âmbito da Geografia, já que existe uma separação de metodologias para que se estudem os elementos físicos e humanos. Aliás, a superação dessa

separação é atualmente o centro de um forte debate entre geógrafos, já que a Geografia nascida como disciplina no Século XIX deu vazão a que disseminasse uma interpretação estanque dessas dimensões na produção de conhecimento geográfico. Entretanto, a Geografia possui um arcabouço teórico e metodológico que me permitiu procurar estudos de síntese ao longo de mais de duas décadas, não sem dificuldades e sobressaltos.

A maioria dessas dificuldades e sobressaltos que são enfrentadas por pesquisadores que propõe a realizar essa transposição está associada à necessidade de que os estudos de síntese estejam alicerçados na aplicação de instrumentos que sejam rigorosos sem que percam uma característica fundamental na busca de uma ciência ‘trans-multi-inter’ disciplinar. Falo aqui da necessidade e capacidade de integração de formas distintas de coleta e análises de dados. Um problema central para que possamos produzir esse tipo de ciência integrada é justamente a forma pela qual as diferentes disciplinas continuam funcionando de forma prática, tanto teórica como metodologicamente.

Felizmente, meus orientandos e parceiros de pesquisa vêm me auxiliando a realizar um esforço consistente de formular novas formas de conduzir estudos, os quais procuram produzir análises que colocam as dimensões naturais e humanas não como estanques, mas inexoravelmente integradas. Diante desse esforço é que venho realizando pesquisas em áreas bastante diversas que entre outros tópicos englobam o processo de reforma agrária; estudos de impactos ambientais e sociais de megaempreendimentos portuários; mudanças no uso da terra e na cobertura vegetal e seus impactos na provisão de serviços ambientais, os efeitos ambientais e sobre a saúde humana do uso de agrotóxicos, e segregação sócio-espacial em áreas urbanas.

Esse elenco de tópicos vem demandando de mim e dos meus colaboradores de pesquisa um grande esforço para atender o rigor que deve caracterizar a construção do conhecimento científico. Um primeiro passo desse esforço tem sido algum muito básico, mas essencial, que é o de entender como diferentes disciplinas definem epistemologicamente e aplicam determinados conceitos chaves. Por exemplo, tomando da Geografia, os conceitos de espaço, região, local e território, de forma a que se chegue a um entendimento mais preciso do que significam. O segundo passo, igualmente essencial e básico, é de como transpor esses conceitos para usos aplicados em pesquisas integradas. O fato é que considero que tal esforço de minha parte e de porções cada vez maiores da comunidade científica ainda está num processo inicial, dado o peso que a

cultura disciplinar herdada do Século XIX ainda exerce sobre os cientistas em suas diferentes disciplinas.

Um aspecto que também tem me preocupado é a crescente cobrança para que a produção do conhecimento atenda critérios estritamente mercadológicos. Essa pressão coíbe a inovação e o pensamento crítico ao subordinar a produção do conhecimento às demandas do mercado. Essa pressão se tornou mais clara após o advento das políticas neoliberais, especialmente em países da periferia do Capitalismo como é o caso do Brasil. Um subproduto dessa subordinação foi a introdução de uma lógica que privilegia a quantidade de artigos científicos publicados por um determinado pesquisador para distribuir recursos financeiros e honorarias acadêmicas. Essa lógica é especialmente nefasta quando se sabe que alguns dos cientistas mais prolíficos, e que deram contribuições robustas para o desenvolvimento da ciência moderna não seriam premiados pelos critérios atualmente adotados, já que praticaram uma ciência ancorada em experimentos de longa duração. Uma consequência especialmente nefasta dessa lógica produtivista tem sido o aparecimento de um número incontável de revistas pseudo científicas que estão contribuindo para a proliferação de artigos de baixíssima qualidade que apenas aumentam o nível de incerteza sobre o que sabemos ou não sobre determinados fenômenos ambientais e sociais.

A partir dessa trajetória que venho tentando contribuir para o avanço da construção de novas formas de construção do conhecimento científico, não apenas do ponto de vista da sua constituição para além da compartimentação reinante e de sua utilidade social, mas também da sua apropriação social. Com base nesta concepção de ciência é que vejo com grande otimismo o lançamento da Revista Foz pela Faculdade do Vale do Cricaré já que a mesma nasce direcionada a oferecer um espaço para a publicação de estudos e pesquisas que possuam os elementos que considero essenciais para o avanço do modelo de ciência que considero necessário para saíamos positivamente da encruzilhada histórica em que a sociedade humana se encontra.